

Representações sociais de futuros professores de inglês sobre a internet

Gabriela Quattrin Marzari e Vilson José Leffa

Submetido em 02 de maio de 2012.

Aceito para publicação em 09 de junho de 2012.

Publicado em 30 de junho de 2012.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 44, junho de 2012. p. 225-238

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Creative Commons Attribution License](http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
- (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
- (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
- (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Sábado, 30 de junho de 2012

23:59:59

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE FUTUROS PROFESSORES DE INGLÊS SOBRE A INTERNET

Gabriela Quatrin Marzari*
Wilson José Leffa**

RESUMO: Neste artigo, nosso objetivo é investigar as representações de futuros professores de Inglês como Língua Estrangeira sobre a internet e suas implicações para a constituição de uma nova identidade docente para o profissional do século XXI. Sustentada pela Teoria Fundamentada, a análise dos dados revelou que os inúmeros recursos oferecidos pela internet poderão exercer uma influência positiva ou negativa na aprendizagem da língua estrangeira. Caberá ao professor saber manipulá-los adequadamente, a fim de atingir os objetivos de seus aprendizes. Além disso, ao fazermos uso desses recursos, todavia, nossa identidade docente vai sendo ressignificada, reconstruída ou totalmente alterada.

PALAVRAS-CHAVE: representações sociais; identidade docente; internet.

1. INTRODUÇÃO

Novas formas de ensinar e aprender estão à disposição de todos nós, professores e aprendizes, particularmente de línguas estrangeiras. Não podemos mais ignorar a vasta gama de ferramentas e recursos tecnológicos que estão à nossa volta e que poderão, então, servir como eficazes instrumentos de mediação pedagógica (MASETTO, 2000). De fato, ao longo dos anos, o ensino de línguas estrangeiras sempre esteve condicionado a instrumentos de mediação pedagógica, em que o professor se fez mais ou menos presente, dependendo das concepções e métodos de ensino por ele adotados. Em um dado momento da história do ensino de línguas, o livro didático serviu — e ainda serve — como um eficaz instrumento de mediação pedagógica, assim como a fita cassete, o projetor de slides, a TV e o vídeo, por exemplo (PAIVA, 2008; LEFFA, 1988).

De certo modo, a escola nunca ignorou a existência desses recursos e, na medida do possível, tentou inseri-los no contexto de ensino-aprendizagem, particularmente no que se refere ao ensino de línguas estrangeiras, em que a tecnologia, no sentido mais amplo da palavra, sempre teve um papel muito importante. Essa afirmação encontra respaldo nas palavras de Paiva (2008, p. 07), que afirma: “[a] cada nova tecnologia, a escola, especialmente no ensino de línguas, busca inserir essa nova ferramenta nas práticas pedagógicas em uma tentativa de melhorar a mediação entre o aprendiz e a língua estrangeira.”

Inevitavelmente, contudo, a inserção de uma nova ferramenta no contexto educacional requer adequação e preparação por parte dos profissionais que irão

* Professora no Centro Universitário Franciscano – Santa Maria/RS, doutoranda pela Universidade Católica de Pelotas: gabrielamarzari@gmail.com

** Professor na Universidade Católica de Pelotas/RS, doutor pela Universidade do Texas, bolsista de produtividade do CNPq: leffav@gmail.com

manuseá-la, a fim de que o objetivo último, que é a aprendizagem, seja atendido. Portanto, ao trazer para a sala de aula um novo instrumento de mediação pedagógica, com o propósito de inovar o ensino e motivar os alunos a aprender, esse professor assume uma postura diferenciada em relação aos demais professores. Sendo assim, pode-se dizer que a identidade profissional do professor, neste caso de línguas estrangeiras, é constituída, em grande parte, pelos artefatos culturais que servem de instrumentos de mediação entre o conhecimento e sua prática docente.

Embora a inserção de recursos e ferramentas tecnológicas diferenciadas seja fundamental para a motivação e o engajamento dos aprendizes no atual contexto educacional, muitos profissionais da educação ainda se mantêm resistentes a eles. Isso se deve, em grande parte, ao fato de que esses profissionais não se sentem efetivamente preparados para utilizar, por exemplo, as redes sociais (*Orkut, Facebook, Twitter e Google+*) como instrumentos de mediação pedagógica. Num primeiro momento, há, inclusive, certa rejeição por parte de alguns professores — e aprendizes — quanto ao uso desses recursos para fins didáticos, pois acreditam que tais ferramentas resultam em mecanismos de diversão e passatempo. Somente após a verdadeira compreensão de sua aplicabilidade no ensino de línguas estrangeiras, por exemplo, que ocorre a normalização (Bax, 2003) - ou a naturalização, segundo Fairclough (2001, p. 85-96), de determinado recurso.

Na verdade, conforme nos esclarece Paiva (2008), isso sempre aconteceu no sistema educacional brasileiro. Toda vez que surge uma nova tecnologia, observa-se, inicialmente, sentimentos de desconfiança e rejeição por parte dos profissionais da educação que, de forma bastante tímida e gradativa, começam a trazer tais recursos para a sala de aula, inserindo-os e incorporando-os às suas práticas pedagógicas. Finalmente, já num terceiro momento, observa-se uma integração efetiva entre a tecnologia e as práticas pedagógicas, de maneira espontânea, que não mais desperta sentimentos de incredulidade ou rejeição por parte de professores e aprendizes. A citação de Paiva (2008) é bastante esclarecedora nesse sentido:

[o] sistema educacional sempre se viu pressionado pela tecnologia, do livro ao computador, e faz parte de sua história um movimento recorrente de rejeição, inserção e normalização. Quando surge uma nova tecnologia, a primeira atitude é a de desconfiança e de rejeição. Aos poucos, a tecnologia começa a fazer parte das atividades sociais da linguagem e a escola acaba por incorporá-la em suas práticas pedagógicas. Após a inserção, vem o estágio da normalização, definido por Chambers e Bax (2006, p. 465) como um estado em que a tecnologia se integra de tal forma às práticas pedagógicas que deixa de ser vista como cura milagrosa ou como algo a ser temido. (PAIVA, 2008, p. 01)

Como se vê, a relação entre tecnologia e educação sempre foi e, ao que parece, sempre será bastante conflituosa. De um lado, há profissionais resistentes às mudanças, que acreditam que a voz do professor, o quadro-negro, o giz e o livro didático são suficientes para que o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras aconteçam. De outro, há profissionais que acreditam que somente a apropriação de novas ferramentas tecnológicas por parte de professores e aprendizes poderá transformar o atual contexto educacional em um espaço dinâmico, interativo, reflexivo e, portanto, motivador tanto ao ensino quanto à aprendizagem de línguas estrangeiras.

O objetivo do presente trabalho é investigar as representações de futuros professores de Inglês como Língua Estrangeira sobre a internet e, principalmente, o seu

papel no ensino do idioma. Em última instância, pretende-se compreender como a internet – considerando-se os recursos e ferramentas tecnológicas por ela disponibilizadas – constitui a identidade profissional desses futuros professores e, ao mesmo tempo, em que medida determina a adoção de determinadas posturas e concepções ao considerá-la como um instrumento válido para o ensino e a aprendizagem da língua alvo.

A escolha pelo tema abordado deve-se ao fato de que, graças à comunicação eletrônica, “[...] as vidas econômicas e culturais das pessoas no mundo todo estão mais intensa e imediatamente interligadas, de um modo que nunca ocorreu antes. [...] Ela se tornou o motor principal, que está dirigindo os imperativos da economia, assim como as identidades culturais/lingüísticas.” (KUMARAVADIVELU, 2006, p. 131). Nesse sentido, não se pode ignorar o papel que a internet exerce na vida das pessoas, em especial, na sala de aula, quando se pensa no ensino de Inglês como Língua Estrangeira, já que esta é a “língua da globalização” (KUMARAVADIVELU, 2006, p. 131). Para tanto, as concepções de seis futuros professores do idioma serão analisadas, considerando-se a internet e suas implicações para o ensino e a aprendizagem de línguas – tendo em vista o seu papel na fase atual da globalização, sobretudo no que se refere à globalização cultural – e a constituição de uma identidade profissional docente diferenciada.

Os participantes deste estudo são alunos de graduação do curso de Letras: Português e Inglês (licenciatura) de uma instituição privada de ensino superior localizada no centro do estado do Rio Grande do Sul. Dentre os seis sujeitos pesquisados, quatro são do sexo masculino (Aluísio, Laércio, Vicente e Walter) e dois são do sexo feminino (Anita e Laís). Aluísio possui 20 anos de idade, está no sétimo semestre do curso de Letras e trabalha ensinando ILE, em cursos livres de línguas, desde 2006. Anita possui 20 anos, é aluna do quinto semestre do curso de Letras, estuda e, desde 2010, atua como professora de ILE em um curso livre de línguas. Laércio possui 43 anos de idade, está no quinto semestre do curso de Letras e trabalha desde os 17. Atualmente, atua na área de segurança pública. Laís possui 20 anos de idade, está no terceiro semestre do curso de Letras, estuda e trabalha desde os 16. Atualmente, ensina ILE para crianças não-alfabetizadas em uma escola infantil. Vicente possui 19 anos de idade, está no terceiro semestre do curso de Letras e atua como tutor de língua inglesa em um curso de extensão (curso de línguas) oferecido pela instituição à comunidade em geral. Por fim, Walter possui 23 anos de idade, está no sétimo semestre do curso de Letras e participa, como bolsista de Iniciação Científica, de um projeto que contempla o ensino de leitura em ILE, desde 2008.

Cabe mencionar que os sujeitos pesquisados participaram voluntariamente deste estudo, a partir de um convite feito pela própria pesquisadora a alunos de diferentes semestres (segundo, quarto, sexto e oitavo) do curso mencionado. Ao convidá-los, a pesquisadora os esclareceu sobre a metodologia que seria adotada para a coleta dos dados, isto é, gravação, em áudio e vídeo, das respostas às perguntas propostas durante a entrevista, mas manteve sigilo quanto à temática que seria discutida na ocasião, a fim de evitar a elaboração prévia de respostas por parte dos participantes, contribuindo, assim, para a confiabilidade e autenticidade dos dados coletados.

A coleta de dados, realizada em outubro de 2011, foi conduzida pela pesquisadora, que atua como professora do curso de Letras, ministrando disciplinas relacionadas à língua inglesa, na instituição de ensino superior responsável pela formação dos sujeitos pesquisados. Na ocasião, os seis participantes foram dispostos em

um semicírculo, no ambiente de uma sala de aula, de modo que pudessem interagir entre si e com a pesquisadora, a qual tinha a responsabilidade de conduzir a entrevista, seguindo as etapas características da entrevista episódica, lançando e, sempre que necessário, reiterando questionamentos em busca de respostas mais precisas e autênticas.

Portanto, neste estudo, o método adotado para a coleta de dados é a entrevista episódica, que, segundo Flick (2002), pode ser descrita em nove fases, cada uma delas se constituindo em um passo à frente em direção ao objetivo de analisar o conhecimento cotidiano do entrevistado sobre um tema ou campo específico. Já a análise dos dados se dá sob a perspectiva da Teoria Fundamentada (*Grounded Theory*), uma vez que, segundo Glaser (1992, 1998), a teoria emana dos dados; desse modo, a literatura sobre o tema pesquisado é retomada considerando-se o fluxo da análise. Por isso, este artigo segue uma organização não-convencional: após a introdução, são feitas interpretações acerca dos dados coletados e, portanto, a teoria que fundamenta a pesquisa aparece durante a análise dos dados, esclarecendo-os, justificando-os ou ainda opondo-se a eles.

2. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise das respostas dos participantes deste estudo às perguntas lançadas na forma de entrevista episódica traduz-se nos seguintes tópicos ou categorias:

2.1 *Definição e caracterização da internet: aspectos positivos e negativos*

2.1.1 *Internet como meio de comunicação*

Para os futuros professores, a internet representa, entre outras coisas, um meio de comunicação eficiente, que possibilita aos seus usuários estabelecerem contatos com pessoas mais ou menos próximas, do ponto de vista geográfico, e um meio importante na construção do conhecimento. Na opinião de Aluísio e Laércio, enquanto meio de comunicação, a internet aproxima as pessoas, já que possibilita a comunicação entre elas, independente da distância geográfica existente. Os seguintes excertos são ilustrativos nesse sentido:

É um meio de comunicação que aproxima muito mais as pessoas e é um meio que pode, digamos, estabelecer contatos que nós não teríamos num meio comum [...]. **Aluísio**

A internet, além dessa possibilidade que os colegas colocaram, ela pode trazer assim, ó, além da proximidade, da troca, uma troca mais rápida, que há dentro da internet, a comunicação se torna mais ágil, [...]. [...] e pode ter contato com outras pessoas, com outras realidades, [...]. **Laércio**

A concepção desses participantes encontra respaldo em autores como Kumaravadivelu (2006, p. 131), que, ao citar uma pesquisa divulgada pelo *United Nations Report on Human Development* (1999), afirma que, devido à internet, “[...] a fase atual da globalização está mudando a paisagem do mundo de três modos distintos:

a distância espacial está diminuindo [...]; a distância temporal está diminuindo [...]; as fronteiras estão desaparecendo [...].”

Por outro lado, no entanto, Anita questiona até que ponto a internet realmente “aproxima” as pessoas, na medida em que, hoje, muitos de seus usuários deixam de sair de casa e encontrar seus amigos para ficar batendo papo virtualmente. Nesse sentido, a participante afirma:

[...] eu prefiro sair com os meus amigos a estar na internet. Muitas pessoas deixam de sair pra ficar conversando com os amigos na internet ao invés de ir se encontrar. E eu acho que... até que ponto a internet realmente aproxima?! Eu acho que, nesse aspecto, a internet distancia as pessoas completamente, [...]. [...] ela tem distanciado quem está geograficamente perto. Tem isso também. **Anita**

Observamos que, segundo Anita, embora haja comunicação e interação entre as pessoas via internet, a qualidade dessas “trocas” deve ser investigada, uma vez que aparentemente são muito mais descompromissadas e transitórias. Bauman (2005, p. 18), ao discutir o problema da(s) identidade(s) na era “líquido-moderna”, aborda a questão do pertencimento e, ao fazê-lo, traz para discussão a virtualidade das relações, desencadeadas pelo meio eletrônico. Segundo o autor (2005),

[q]uando a identidade perde as âncoras *sociais* que a faziam parecer “natural”, predeterminada e inegociável, a “identificação” se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um “nós” a que possam pedir acesso. [...] os “grupos” que os indivíduos destituídos pelas estruturas de referência ortodoxas “tentam encontrar ou estabelecer” hoje em dia tendem a ser eletronicamente mediados, frágeis “totalidades virtuais”, em que é fácil entrar e ser abandonados. Dificilmente poderiam ser um substituto válido das formas sólidas [...] de convívio que, graças à solidez genuína ou suposta, podiam prometer aquele reconfortante (ainda que ilusório ou fraudulento) “sentimento do nós” – que não é oferecido quando se está “surfando na rede”. (BAUMAN, 2005, p. 30-31)

Conforme a citação nos sugere, a busca pela identificação entre os indivíduos, ou seja, a necessidade de pertencimento é cada vez mais evidente. A existência do próprio indivíduo – a construção de sua identidade – depende das relações sociais que estabelece e das quais faz parte, ou seja, de seu pertencimento. A natureza e a qualidade dessas relações, na busca desesperada pelo “nós”, é frequentemente ignorada. Bauman (2005, p. 31), ao citar Stoll (1995), ex-viciado em internet, explica: “[...] absortos em perseguir e capturar as ofertas do tipo “entre agora” que piscam nas telas do computador, estamos perdendo a capacidade de estabelecer interações espontâneas com pessoas reais.” Talvez esta seja a preocupação de Anita, ao questionar até que ponto a internet “aproxima” as pessoas, na medida em que as relações interpessoais tornam-se, em alguns casos, dependentes do meio eletrônico para que se estabeleçam e se mantenham durante certo tempo. Bauman (2005) vai além nessa questão, ao citar Handy (2001), um teórico da administração, que afirma:

“engraçadas podem ser, essas comunidades virtuais, mas elas criam apenas uma ilusão de intimidade e um simulacro de comunidade”. Não podem ser um substituto válido de “sentar-se a uma mesa, olhar o rosto das pessoas e ter uma conversa real”. Tampouco podem essas “comunidades virtuais” dar substância à identidade pessoal – a razão básica para procurá-las. Pelo

contrário, elas tornam mais difícil para a pessoa chegar a um acordo com o próprio eu. (BAUMAN, 2005, p. 31)

Portanto, ao que parece, essa ideia acaba justificando a preocupação demonstrada por Anita em relação ao caráter das relações interpessoais viabilizadas e mantidas (até quando não se sabe) pelo meio eletrônico. A esse respeito, Anita fala do caráter de suas “amizades”, conforme expostas no *Orkut*:

[...] Eu fiz uma limpa no meu Orkut essa semana... eu tirei... sabe aquelas pessoas que você não conversa e não, não... simplesmente elas não te cumprimentam quando passam por você e tal... e eu pensei: “Tá, essa pessoa é minha amiga no Orkut pra quê? Sabe! Só pra xeretar a minha vida”, então não, estou deletando... estou fazendo uma campanha “Delete” no meu Orkut. E... não sei, até mudar a questão diante do Orkut assim... **Anita**

2.1.2 Internet como meio para promoção do conhecimento

Na opinião dos participantes, a internet é um importante mediador pedagógico, uma vez que possibilita aos seus usuários o livre acesso a sites de busca e bibliotecas digitais, por exemplo, contribuindo desse modo para a promoção do conhecimento entre os aprendizes e desenvolvendo neles o senso de autonomia em relação à aprendizagem da língua-alvo. Segundo Moran (2007),

[e]scolas não conectadas são escolas incompletas (mesmo quando didaticamente avançadas). Alunos sem acesso contínuo às redes digitais estão excluídos de uma parte importante da aprendizagem atual [...]. A sociedade está caminhando para ser uma sociedade que aprende de novas maneiras, por novos caminhos, com novos participantes (atores), de forma contínua. (MORAN, 2007, p. 09-11)

Contudo, os futuros professores demonstram certa preocupação em relação ao modo como a internet tem sido utilizada em determinados contextos de ensino-aprendizagem, aparentemente sem propósitos educacionais e de forma descompromissada em relação à promoção do conhecimento. Segundo eles, ao fazer uso da internet como um instrumento de mediação pedagógica, o professor deve estabelecer objetivos específicos e saber utilizá-la a seu favor, selecionando ferramentas e sites apropriados para explorar conteúdos específicos. Caso contrário e considerando-se as inúmeras possibilidades oferecidas pela internet, o professor estará prestando um desfavor aos seus aprendizes que, percebendo a ausência de propósitos claramente definidos em relação à aprendizagem do(s) conteúdo(s), terão uma visão distorcida do verdadeiro papel que a internet assumiria no contexto educacional e passarão a vê-la apenas como instrumento de entretenimento e ludicidade. Os depoimentos de Aluísio e Walter são esclarecedores nesse sentido:

[...] se o meu objetivo é usá-la na educação, então eu tenho que saber, eu tenho que determinar alguns objetivos. Não é apenas usar ela por usar, usar a tecnologia pela tecnologia. Deveria ter, tem que ter um objetivo. Mais ou menos isso. [...] Acho que depende da forma como ela é utilizada, porque, digamos, uma atividade... pegar uma turma... “Ah, vamos para o laboratório”. Não tem nenhum objetivo, então os alunos eles vão... a primeira coisa que eles vão fazer é entrar em MSN, Orkut,... não vão, não vai ter aquela pesquisa

com aquela, digamos, com aquela intenção que nós temos de: “ah, vamos pesquisar sobre *bullying*”, por exemplo. Os alunos vão até pesquisar, mas o foco deles vai ser... eles vão entrar em Orkut, MSN, ou outros sites que não estavam determinados nessa intenção de pesquisar algo específico. **Alúcio**

Acho que pra muita gente, a internet não representa muita coisa. Eles entram mais pela diversão e não utilizam essa ferramenta de uma forma útil, não... essa ferramenta não tem relevância. Mais assim pra curtir mesmo: “ah, vou ficar lá no Orkut, vou ficar no chat... entendeu? Tem muita gente que não tem mesmo nenhum objetivo traçado. E é essa opinião, fora o nosso grupo obviamente e as pessoas que têm esse mesmo padrão, eu não diria a maioria, porque talvez eu esteja errado, mas muita gente, realmente muita gente não tem um objetivo: tá ali por estar, tá ali porque não tá em outro lugar. **Walter**

Com o advento da internet, inserida ou não no contexto escolar, as práticas de professores e aprendizes são profundamente alteradas. O consenso entre os pesquisadores da área (KENSKI, 2007; MORAN, 2007; VALENTE, 2003) é de que não há como evitar a influência da tecnologia na vida do aluno. Além disso, há também o sentimento de que não basta a simples transposição de instrumentos de mediação pedagógica, do “velho” para o “novo”. Sente-se, no depoimento dos futuros professores, mais do que uma rejeição às novas tecnologias, o apelo por uma postura que seja mais autônoma, dinâmica e investigativa. Conforme Moran (2007),

[c]om as escolas cada vez mais conectadas à internet, os papéis do educador se multiplicam, diferenciam e complementam, exigindo uma grande capacidade de adaptação, de criatividade diante de novas situações, propostas, atividades. [...] O professor participa de formas diferentes e exerce papéis diferentes nas diversas situações que se apresentam na educação *on-line*. (MORAN, 2007, p. 35).

[...] *O professor, em qualquer curso presencial, hoje, precisa aprender a gerenciar vários espaços e a integrá-los de forma aberta, equilibrada e inovadora.* (MORAN, 2007, p. 94) (grifos do autor)

O argumento de Moran reforça a ideia de que os cursos de formação de professores devem estar atentos às mudanças que a internet, em particular, tem imposto às diferentes áreas do saber, no que se refere principalmente ao gerenciamento de papéis e funções. Com o advento da internet, houve mudanças significativas, tanto na educação presencial quanto a distância, e o professor não pode ignorá-las. Ao contrário, precisa tentar compreendê-las e, gradativamente, tentar adaptar-se aos novos modelos e propostas, sob pena de ser concebido como um professor metodologicamente ultrapassado, que não desperta mais o interesse de seus aprendizes para o conteúdo que ensina.

As escolas estão recebendo os computadores, estão recebendo a máquina; só falta a instrução pro uso. [...] Só precisa instruir melhor os professores. [...] É só os professores saberem utilizar. [A internet] tá pronta pra ser utilizada. **Laís**

As pessoas que trabalham com educação deveriam estar mais preparadas para usar eficazmente a internet. **Laércio**

[...] eu acho que um grande dilema na internet é a quantidade de informação que a gente não sabe como filtrar, porque a gente tem tudo lá, a gente tem acesso a tudo, mas a gente não sabe como utilizar aquilo... a gente não sabe o que realmente pode ser levado em conta, o que que é bom, o que que é verdadeiro, ou então eu acho que ainda... a gente ainda tá... “ah, a internet é tudo de bom”, [...]. Eu acho que a gente ainda não sabe ser autônomo dentro da internet como pesquisador muitas vezes. [...] mas eu acho que é ruim também a gente ver que a gente tem muitos alunos com acesso à internet e que ela não tá sendo usada como poderia ser. Eu acho que isso também é uma coisa que deveria ser levada em conta, porque... quantos alunos aqui dentro têm internet, têm os laboratórios aqui e eles simplesmente não sabem utilizar. Então eu acho que isso é uma coisa que também deveria, deve nos preocupar como professores, né... Muitas vezes, a gente não sabe como utilizar. [...] E isso é uma coisa muito ruim da internet: ela dá muita liberdade pra pessoas que não sabem usar essa liberdade. [...] É muito importante que nós, professores, ensinemos nossos alunos a utilizar a Internet para fins de aprendizagem. **Anita**

2.2 Participação da internet na rotina dos futuros professores

A análise das respostas dos participantes a esta pergunta nos surpreende, porque, ao contrário do que geralmente se espera de indivíduos pertencentes à geração Y (PRENSKY, 2001), ou seja, nativos digitais, a internet tem uma presença maior ou menor em *todos* os momentos da vida desses indivíduos. O que a pesquisa revela, no entanto, é que, mesmo sendo nativos digitais, a maioria desses futuros professores de Inglês como Língua Estrangeira não se sente suficientemente à vontade para redigir um texto usando o Word; em vez disso, prefere primeiramente registrar suas ideias no papel, para, apenas num segundo momento, digitá-las, salvá-las e enviá-las ao destinatário se for o caso, conforme revela o depoimento de Vicente:

A forma como eu uso a internet, ela se resume mais a diversão e a lazer, embora eu tenha dito antes que é um facilitador pra mim, é. Mas é que eu tenho uma metodologia de estudo, de trabalho através da internet que é até um pouco estranha. Eu faço tudo as minhas coisas à mão e depois eu passo a limpo, porque eu não consigo fazer uma coisa, um trabalho... [...] Eu escrevo tudo, nem que eu tenha que passar uma madrugada inteira digitando. [...] Eu me concentro muito mais quando eu tô escrevendo à mão do que tá no computador até porque, eu não sei se os colegas têm esse problema..., eu, se fico mais de uma hora e meia, começa a doer os meus olhos. **Vicente**

Além disso, surpreende o fato de que, embora participem de redes sociais como *Facebook* e *Orkut*, estejam cadastrados no MSN, postem comentários via *Twitter*, a ferramenta eletrônica mais utilizada continua sendo o *e-mail* para fins de comunicação. Isso porque, na concepção desses futuros professores, a internet é um recurso que deve ser utilizado de forma moderada, para atingir objetivos específicos, seja em relação à aprendizagem da língua-alvo, conforme anteriormente discutido, seja em relação à comunicação e às relações interpessoais. Na verdade, segundo Laís, o uso da internet está geralmente orientado por objetivos específicos, rejeitando, assim, a ideia de que indivíduos da Geração Y fazem uso desse recurso a todo instante, de forma inconsciente e descompromissada.

Eu acho que agora o menos é mais. Eu utilizo menos do que eu usava, mas com mais qualidade. Eu direciono melhor. Eu acho que justamente por isso eu... eu sei o que eu vou olhar, porque que eu vou olhar, e eu acho que é por isso... eu não fico na frente do computador por ficar. **Laís**

Sob essa perspectiva, a internet tem sido vista geralmente como um instrumento ou ferramenta de mediação pedagógica, que serve aos propósitos da prática docente. No entanto, segundo Pretto (2010), ao atribuímos à internet fins puramente instrumentais, estamos limitando as possibilidades de criação solidária e, portanto, de construção de conhecimento. A produção coletiva do conhecimento, disponibilizado na Web, revela uma nova postura por parte de seus usuários que são, ao mesmo tempo, sujeitos informantes e sujeitos informados. Segundo Pretto (2010),

[o] que temos percebido é que, na maioria das vezes, as tecnologias digitais – e a internet, em particular – são tratadas como meras ferramentas auxiliares dos processos educacionais. Necessário se faz, nesse contexto, pensar as “novas” tecnologias digitais, e a internet em particular, enquanto algo para além dessa perspectiva ferramental, considerando-a, como afirma Mark Poster, como um “espaço social” [...]. (PRETTO, 2010, p. 307-308)

A concepção de que a internet representa um meio de comunicação que facilita as negociações, inclusive profissionais, está presente no discurso dos participantes deste estudo. Do mesmo modo, está presente a ideia de que o acesso à internet pode ser feito a qualquer hora e em qualquer lugar, facilitando a vida de seus usuários. A internet age, pois, como um facilitador na vida das pessoas, mantendo-as próximas, embora distantes; atuantes, embora ausentes; e informadas, embora deslocadas. Walter, por exemplo, relata que agendou uma janta por meio da internet. Contudo, ele mesmo afirma que “[s]ão diversas [as] situações em que a gente não precisa usar a internet. A gente sobrevive sem internet [...]”, demonstrando uma relação consciente e de independência entre ele e a ferramenta. Essa ideia encontra respaldo nas considerações de Laís, que afirma:

É que tem que haver um equilíbrio: tu não pode nem depender dela e nem também considerar ela irrelevante, porque ela é importante. E hoje em dia não tem como escapar. Tem que existir um equilíbrio, né. [...] É que pra mim é dia perdido passar um dia inteiro na frente do computador. Por exemplo, ontem era feriado. Se eu passasse o dia inteiro na frente do computador, era um dia perdido, porque no computador eu posso ficar de madrugada; no computador, eu posso ficar em qualquer horário vago que eu tenho. **Laís**

2.3 O papel da internet no presente e no futuro

Na opinião dos futuros professores, não há dúvida de que a internet tem influenciado e influenciará cada vez mais a postura de professores e aprendizes, particularmente, de línguas estrangeiras. Em outras palavras, a sala de aula jamais será a mesma: diante das inúmeras possibilidades de trabalho viabilizadas pela internet, professores e aprendizes terão de se posicionar diferentemente ao longo do processo, assumindo novos papéis e identidades. Aos professores, será lançado o desafio de avaliar e experienciar o “novo” sem, contudo, abandonar o “velho” por completo; aos aprendizes, caberá participar ativamente desse processo de reestruturação de

paradigmas, em busca de uma metodologia mais adequada, que atenda aos interesses da maioria. Segundo Moran (2007),

[a] escola e a universidade precisam reaprender a aprender, a serem mais úteis, a prestarem serviços mais relevantes à sociedade, a saírem do casulo em que se encontram. A maioria das escolas e universidades se distancia velozmente da sociedade, das demandas atuais. Sobrevivem, porque são espaços obrigatórios e legitimados pelo Estado, mas, na maior parte do tempo, frequentamos as aulas porque somos obrigados, não por escolha real, por interesse, por motivação, por aproveitamento. As escolas conservadoras e deficientes atrasam o desenvolvimento da sociedade, retardam as mudanças. (MORAN, 2007, p. 22)

Portanto, a internet tem atuado com um divisor de águas no cenário da educação brasileira. É como se pensássemos o ensino, sobretudo de línguas estrangeiras, antes e depois da tecnologia e, especialmente, da internet. Na opinião dos participantes deste estudo, contudo, o professor continuará tendo um papel determinante, inclusive ao fazer uso da internet, na medida em que ele poderá tanto perpetuar modelos já arraigados quanto inovar de forma autêntica e sem precedentes. Em vista disso, a internet será mais um recurso à disposição do professor, que terá total autonomia para explorá-lo a partir de suas concepções e interesses.

Acho que haverá uma diferença nas próprias aulas, mas eu acho que não vai ser determinante para, digamos, o formato das aulas. Acho que vai ser apenas um recurso a mais. E esse recurso vai estar mais presente, mas isso não quer dizer que ele vai ser único. **Aluísio**

Eu acho que, principalmente dentro das escolas... talvez os alunos, todos, estejam utilizando um laptop, mas não... o professor vai estar ali na frente também. Eu acho que a metodologia de ensino continua a mesma, porque essa mudança exige uma mudança social, [...] acho que vários fatores vão ter que mudar. Talvez a internet possa ajudar. Mas eu não vejo, num futuro próximo, ela fazendo uma diferença significativa quanto à metodologia de ensino dentro das escolas. Eu acho que os professores vão ter esse contato, mas, se eles não continuarem se atualizando, os sites e as formas que eles utilizam vão acabar se tornando... descartáveis para os alunos. [...] Aí vão surgir novos problemas com a internet. Talvez alguns sejam sanados, mas outros serão criados pelo uso. Eu acho que, talvez, facilite. Mas eu não vejo, eu não consigo pensar em muita diferença. **Laís**

A exemplo do livro didático, que é utilizado hoje, quando tu vai trabalhar numa determinada disciplina, o livro didático não é uma ferramenta completa. A internet também, possivelmente, desde que tenha uma acessibilidade maior, que as pessoas tenham uma acessibilidade maior, os professores consigam desenvolver melhor, desde que tenham o conhecimento, trabalhando dentro... aquilo ali, podem ter um pouco mais do que se tem hoje. Mas [essa influência] não vai ser tão grande. A gente pode estar enganado, mas... **Laércio**

Todavia, apesar de sentirmos a influência constante da internet em nosso dia a dia, ela não está presente na vida de todos nós. Segundo Moran (2007, p. 10), cerca de 70% dos brasileiros não possui acesso efetivo e contínuo às redes digitais, o que compromete o desenvolvimento de uma educação diferenciada. Os futuros professores estão conscientes dessa realidade, conforme sugerem suas falas transcritas a seguir, e

talvez por isso exaltem a figura do professor, como sendo este o principal elemento no processo de ensinar e aprender línguas:

Eu acho que ela [a internet] não é tão presente quanto a gente imagina, porque a gente... nós nos baseamos por, pela nossa faixa etária, por uma classe social um pouco mais, vamos dizer assim, uma classe média, sei lá, um pouco mais privilegiada. Mas isso não é a maioria. Não é a realidade pelo menos do nosso país. Eu acho que até no Sul se utiliza bastante, mas no Nordeste não se utiliza tanto. Então eu acho que não é tão presente quanto a gente imagina. “Ai, meu Deus, a pessoa não tem internet!” Todo mundo se apavora... mas a maioria é assim. São as pessoas com que nós convivemos que têm acesso. **Laís**

Eu concordo com os colegas que falaram que a internet não é tão presente quanto se pensa. Talvez essas pessoas se baseiem em generalizar, tendo como exemplo aquelas pessoas que trabalham mais na área, que necessitam da internet. Por exemplo, nas áreas tecnológicas. Eu tenho um vizinho, por exemplo, que ele faz uma determinada engenharia e que ele passa o dia inteiro na internet, estudando, fazendo os trabalhos dele da faculdade, sempre na internet [...]. Talvez por esses exemplos das áreas tecnológicas, que estão crescendo, que estão em evidência hoje no mercado, as pessoas acreditem que isso é geral, mas de fato, se for analisar, o grande grupo, eu acredito que é bem parecido com as nossas necessidades: é pra enviar um e-mail, é pra ver uma nota. Já não é aquela demanda, aquela dependência extrema como esse exemplo que eu citei. **Vicente**

O uso da internet para fins didáticos encontra restrições ainda hoje. Segundo pesquisas recentes¹ envolvendo estatísticas sobre o uso da internet no Brasil, 38% das pessoas acessam a web diariamente; 10% de quatro a seis vezes por semana; 21% de duas a três vezes por semana; 18% uma vez por semana. Somando, 87% dos internautas brasileiros entram na internet semanalmente. Mesmo assim, os professores encontram diversos obstáculos ao tentar trazer a tecnologia para a sala de aula e vice-versa. É comum o fato de os professores não poderem usar o laboratório de informática de suas escolas sob a pena de os alunos “estragarem” os computadores. É comum também o fato de os alunos usarem o laboratório de informática de suas escolas sem objetivos específicos, resultando essa experiência em uma atividade inócua, que não trará contribuição à aprendizagem. Finalmente, é comum também o fato de os professores não se sentirem capazes de operar eficientemente em um laboratório de informática e, receosos de seus alunos saberem mais do que eles próprios, evitem ao máximo qualquer aproximação entre conteúdo e tecnologia. Como se percebe, ainda são inúmeros os obstáculos encontrados quando se pensa em aproximar educação e tecnologia.

Infelizmente, há ainda o agravante de que a escola, ao contrário da maioria das instituições, não acompanha o ritmo das inovações, da tecnologia, ficando sempre à mercê de velhas fórmulas e preceitos: “[a] sociedade evolui mais do que a escola. (...) Milhões de alunos estão submetidos a modelos engessados, padronizados, repetitivos, monótonos, previsíveis, asfixiantes.” (MORAN, 2007, p. 08). Ao que parece, os futuros professores estão cientes dessa triste realidade, conforme nos revela a seguinte afirmação de Laís:

¹ Fonte: http://tobeguarany.com/internet_no_brasil.php. Última atualização: 12/09/2011.

Eu acho que, talvez, no nosso mundo, a gente pensa que não é tão presente, mas, no mundo empresarial, é extremamente necessária e relevante a internet. As negociações que acontecem... porque a educação não... como nós trabalhamos com educação, na educação e a educação não consegue acompanhar a tecnologia no tempo que deveria, que seria o que mais deveria acompanhar, mas não acontece, nós temos essa visão de que não vai mudar muito né, mas não vai mudar talvez nessa área. Mas na área empresarial já mudou muito e vai continuar mudando... a importação, a exportação... tá muito mais fácil hoje em dia. O contato com empresários de outros países. Nessas áreas, eu acho que a Internet faz muita diferença. **Laís**

Nesse sentido, ainda segundo Laís, a internet, ao mesmo tempo em que inclui, pode excluir. Solicitar uma tarefa que dependa da internet pode, dependendo do contexto, ser uma atitude geradora de exclusão. Antes de fazê-lo, caberá ao professor analisar e conhecer a realidade de seus aprendizes, ou ao menos prever e sugerir possibilidades viáveis de execução das tarefas solicitadas, sem comprometer o seu desempenho. De qualquer forma, o professor não poderá mais se eximir de sua tarefa de trazer o “novo”, o diferente para a sala de aula, Caberá a ele, no entanto, encontrar alternativas possíveis, que despertem o interesse de seus aprendizes pelo conteúdo a ser abordado, tornando-os pessoas melhores e mais comprometidas. E, ao fazê-lo, sua postura pedagógica sofrerá transformações profundas, já que novos modelos de ensino e aprendizagem vão sendo, inevitavelmente, constituídos e aprimorados a todo instante.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, podemos concluir dizendo que a internet ocupa a vida das pessoas com maior ou menor intensidade, dependendo da profissão, das relações sociais, da condição socioeconômica, da faixa etária, entre outros aspectos. Em uma sociedade capitalista, em que os fins justificam os meios, a internet – ou a rede, sob uma perspectiva mais ampla – é vista como recurso indispensável para o avanço da economia, tendo em vista alguns princípios básicos como inovação, flexibilidade e adaptação.

Em relação ao papel da internet nas relações sociais, como instrumento de mediação entre pessoas que estão à procura de alguma espécie de relação, seja de amizade, seja de namoro, entre outras possíveis, há diferentes opiniões. A qualidade ou a duração dessas relações são questionáveis, segundo os participantes deste estudo; no entanto, não há como negar o papel que a internet exerce na mediação desses interesses, ao promover a troca de ideias, ou seja, a comunicação entre os sujeitos internautas, independente do objetivo a ser atingido.

Ao abordar a questão da fragilidade dos laços humanos no meio virtual, Bauman (2004, p. 82) lança o conceito de “proximidade virtual”, que, segundo o autor, “[...] torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves.” Nesse sentido, o papel da internet como instrumento de comunicação e de mediação de relações humanas é, no entanto, inquestionável. O que deve ser considerado é o caráter das relações; em outras palavras, que tipo de relação estamos efetivamente buscando? Essa é a pergunta que devemos fazer a nós mesmos, já que a influência da internet nas nossas relações interpessoais ou sociais é inevitável nos dias atuais.

Quer queiramos ou não, a internet está muito presente na vida de todos nós. E essa presença, por mais que tentemos, não pode ser ignorada, já que não estar conectado, hoje, significa não fazer parte, não ser inserido, enfim, não existir. A nossa existência é determinada, cada vez mais, pela nossa participação em redes sociais, pelo nosso cadastro em sites especializados, pela nossa participação em fóruns de discussão, pelo nosso endereço eletrônico, entre outros. Na condição de (futuros) professores de línguas estrangeiras, a presença da internet na nossa rotina é cada vez mais evidente. Não há mais como ignorar a existência dos inúmeros recursos virtuais e sua aplicabilidade na educação, sobretudo no que diz respeito ao ensino de línguas estrangeiras.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- _____. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BAX, S. CALL – past, present and future. In: *System*, v. 31, n. 1, p. 13-28, 2003.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001 [1992].
- FLICK, U. Entrevista Episódica. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GLASER, B. G. *Basics of grounded theory analysis: emergence vs forcing*. Mill Valley, Ca: Sociology Press, 1992.
- _____. *Doing grounded theory: issues and discussions*. Mill Valley, Ca: Sociology Press, 1998.
- HANDY, C. *The elephant and the flea*. London: Hutchinson, 2001, p. 204.
- KENSKI, V. M. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas: Papirus, 2007.
- KUMARAVADIVELU, B. A linguística aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 129-148.
- LEFFA, V. J. Metodologia do ensino de línguas. In: BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. *Tópicos em linguística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988, p. 211-236.
- MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas, São Paulo: Papirus, 2000, p. 133-173.
- MORAN, J. M. *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. Campinas, São Paulo: Papirus, 2007.
- PAIVA, V. L. M. de O. *O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras: breve retrospectiva histórica*. 2008. Disponível em <http://www.veramenezes.com/publicacoes.html>. Acesso em 21 abr. 2011.
- PRENSKY, M. *Digital Natives, Digital Immigrants*. MCB University Press, 2001. Disponível em: <http://www.marcprensky.com/writing/prensky%20-%20digital%20natives,%20digital%20immigrants%20-%20part1.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2011.

PRETTO, N. Redes colaborativas, ética hacker e educação. In: *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 26, n.03, p. 305-316, dez. 2010.

STOLL, C. *Silicon Snakeoil: second thoughts on the information highway*. New York: Doubleday, 1995, p. 58.

VALENTE, J. A. (Org). *Formação de educadores para o uso da informática na escola*. Campinas: Nied, 2003.

Recebido em 02/05/2012

Aceito em 09/06/2012

Versão revisada recebida em 19/06/2012

Publicado em 30/06/2012

FUTURE ENGLISH TEACHERS' SOCIAL REPRESENTATIONS OF THE INTERNET

ABSTRACT: *In this paper, our purpose is to investigate the representations that prospective teachers of English as a Foreign Language have of the internet and its implications for the constitution of a new professional identity in the XXI century. Based on the Grounded Theory, data analysis revealed that the countless Internet tools may have a positive or a negative influence on the foreign language learning. Therefore, the teacher will have to know how to manipulate them properly in order to achieve his/her learners' objectives. In addition, by making use of such tools, the teacher's identity is re-signified, rebuilt or completely changed.*

KEYWORDS: *social representations; teacher identity; internet.*